

Sala-cu-saco, mia Malia, mia muié,
 Pelo siná di Santa Cruz, liva num Deu
 Liva santo tá nu livo zi maió
 Liva santo tá nu livo zi menó
 Tá pindulado são Migué di Calacanzo!

Tá pindulado são João di Bapitita!
 (bis) Tengô tengô ma famá
 Malia, mia muié, num mi fara cum sordado!
 Malia du Congo, num mi fara di pecado!
 Héhé!... haha!...

II.
 (bis) Lá nus caminho ri Mina
 (bis) Uma onça mi roncô
 (bis) Quano eu fui zoiá para ela
 (bis) Meu ouração palapitô.

Sala-cu-saco, ma Malia, ma famá,
 Zôio dela cumo tá rigalado,
 Nalizi dela cumo tá libitado,
 Pelo dela cumo tá lipiado,
 Pata dela cumo tá calapaçado!
 (bis) Tengô, tengô, ma famá, (etc.)

III.
 (bis) Quando eu era nu meu tera
 (bis) Era rei de Zinangora, (Angola)
 (bis) Gora tô in tera di blanco
 (bis) Zoga cabungo fora!

Sala-cu-saco (etc.)
 (como da 1ª vez)

O R é sempre brando. Algumas coisas, como "sala-cu-saco" não compreendo. Cabungo, nos lugares sem latrina de geito nenhum, é o barril onde jogam as fezes que depois o empregado vai atirar longe.

Grafei pedaço mais longo da musica, embora repetição, pra mostrar a variedade ritmica ocasionada pela prosodia em parte, pela irregularidade do verso mal feito, e em grande parte também pela fantasia que vai se libertando e se manifestando mais, á medida que a peça continua. Com efeito na 1ª estrofe o ritmo está bem batido e sob o ponto-de-vista brasileiro é simples. Depois se complica extraordinariamente, as sincopas se multiplicam, aparecem antecipações ritmicas, pequenos apressados, rubatos subtis, difficilimos, impossiveis de grafar com exatidão absoluta. O refrão da 2ª estrofe repete a musica do refrão da primeira e vai sempre assim.

Modinha.

A palmilhar longas Estradas

R. G. DO NORTE.

A pal-mi-lhar lon-gas es-tra-das De lon-ge vim pa-ra te
 ver Ou-vin-doas tris-tes a-ra-pon-gas Nas ma-tas tris-tes a-ge-mer.

A palmilhar longas estradas
 De longe vim para te ver
 Ouvindo as tristes arapongas
 Nas matas tristes a gemer.